

# Saúde: rede estadual está sem pediatras

Chiquito Chaves

Achar um pediatra de plantão num hospital da rede estadual, nos fins de semana, é uma raridade. Um simples cartaz, escrito a mão, ou um pequeno papel de receituário informa que não há aquela especialidade e recomenda que os doentes procurem outros hospitais. Nessa peregrinação, o paciente descobre que a unidade indicada sofre do mesmo mal: não há pediatra. No jogo de empurra do sábado, os médicos do Rocha Faria, em Campo Grande, mandavam doentes para o Pedro II, em Santa Cruz, que passava o problema para outros da rede ou clínicas conveniadas.

Na fila da emergência, a cena se repete toda semana: crianças choram, mães reclamam e pais xingam. Os seguranças assumem posturas médicas e indicam outros locais de atendimento. Não adiantam os vômitos e desmaios que ocorrem frequentemente. A realidade de cada unidade da rede estadual reflete o abandono do setor no Rio.

Camila, de 3 anos, está com febre há três dias e sua mãe, Vandete Martins Garcez, moradora em Cosmos, resume sua indignação:

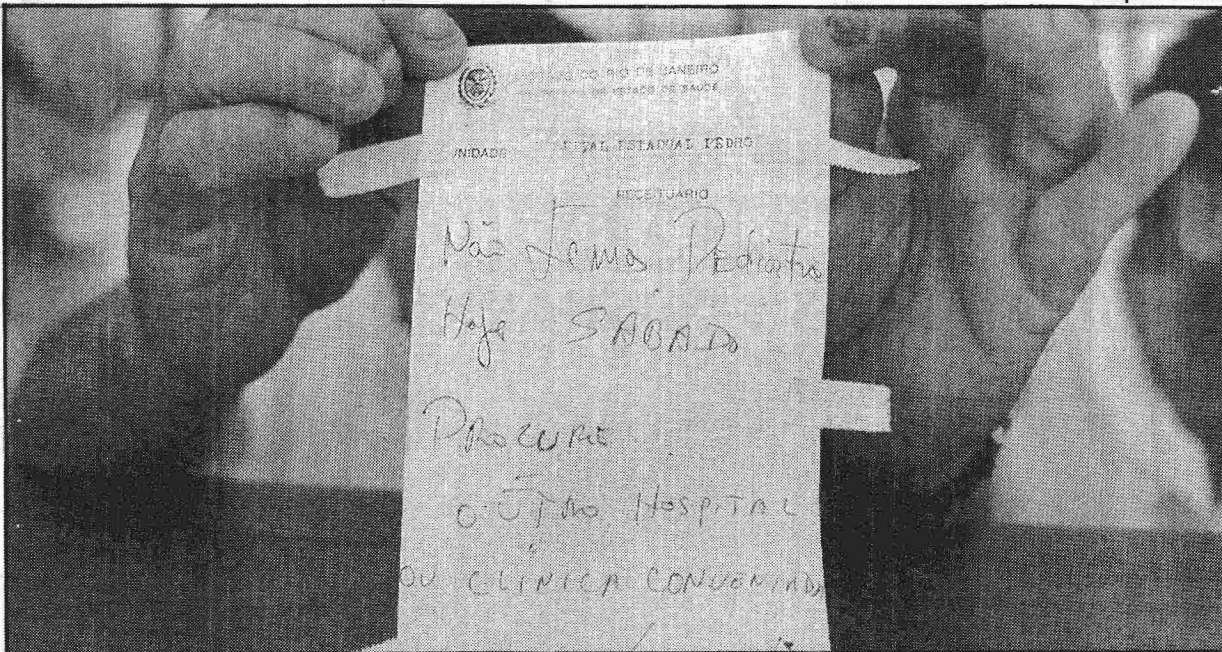
— Eles querem que os pobres morram.

## Defeito deixa Carlos Chagas sem água

Um defeito na bomba do Carlos Chagas, em Marechal Hermes, deixou o hospital sem água durante quatro horas na madrugada de ontem. O diretor Ernesto Rymer garantiu que não houve prejuízo dos serviços com o racionamento de água, resolvido de manhã. Na semana em que comemora 55 anos, o hospital da rede estadual também enfrenta problemas de falta de pessoal. No último ano, 80 médicos pediram transferência, deixando buracos nas equipes de plantão da emergência, que trabalha sem anestesista.

Para suprir a falta de material e conservar o prédio, a direção optou, há cinco anos, por um convênio com empresários da região. Nessa troca, são enviados mensalmente roupas de cama, lençóis e remédios ou instalados aparelhos de ar condicionado e televisores. Ao contrário de outros hospitais da rede, graças aos convênios com a comunidade os corredores estão limpos e não faltam medicamentos.

O diretor reivindica que a Secretaria de Saúde transfira médicos de outras unidades para atendimento na Zona Oeste. Nos plantões, as equipes de emergência ficam reduzidas a 12 profissionais, quando o ideal seria 24.



O aviso da falta de especialista no Hospital Pedro II, em Santa Cruz, escrito numa simples folha de receituário

Cercada de pacientes e com a tarefa de fazer a triagem dos mais graves, a chefe de equipe Patrícia Santoro reconhece o esvaziamento do hospital. Antes dos últimos concursos para o Município, o plantão de sábado tinha cinco pediatras. Hoje, o único especialista faz uma jornada de 24 horas para atender os casos críticos e negociar vagas com outros hospitais, para inter-

nar os mais necessitados.

Os baixos salários dos médicos são apontados como os responsáveis pela debandada dos profissionais da rede. Os doentes não querem ouvir os argumentos e reclamam melhor atendimento. Zildimar Costa e seu filho Maurício, de 15 anos, que reclama de dores no corpo, esperaram três horas pelo atendimento. Eles moram em Campo Grande e de-

sistiram de procurar o Pedro II, em Santa Cruz. Mas se fossem, perderiam a viagem.

Na portaria da emergência, os vigilantes e auxiliares mostram um pequeno receituário, assinado pelo oftalmologista Antônio Carlos Ferreira, que avisa a falta dos pediatras e recomenda que os doentes procurem outro hospital ou clínicas conveniadas.